

## **Imagens em missão: a Church Missionary Society e a construção de regimes visuais no reino de Buganda (África Oriental, 1875-1922)**

MÁRCIA CRISTINA PACITO FONSECA ALMEIDA\*

Esta comunicação tem como objetivo apresentar breves apontamentos sobre os processos envolvidos na construção de regimes visuais produzidos a partir das interações sociais estabelecidas entre missionários britânicos anglicanos e as populações que habitavam o reino de Buganda, África Oriental, entre o final do século XIX e o início do XX. A pesquisa pretende explorar um conjunto documental composto por relatos de viajantes, narrativas missionárias, álbuns e periódicos ilustrados relacionados às ações empreendidas pela Church Missionary Society (CMS) na região dos Grandes Lagos. O recorte temático e temporal proposto volta-se para a necessidade de se investigar um período de inflexão nas relações travadas entre a coroa inglesa e as populações de parte da zona oriental africana, especialmente entre as décadas de 1870 e 1920, fase marcada pela incursão de potências imperiais em vários pontos da África, aliada à conformação de políticas coloniais que desencadearam variadas formas de respostas e resistências locais. Neste panorama, pretendemos compreender os múltiplos papéis que os registros visuais desempenharam na conformação de práticas, discursos e projeções europeias sobre o continente africano. Adotando tais pressupostos, almejamos discutir como a produção de uma iconografia de cunho missionário elaborada no contexto de implantação do imperialismo britânico na África Oriental se deu a partir de diferentes agenciamentos sociais, transitou por variados circuitos e foi reapropriada em diferentes campos do conhecimento.

Estabelecidos ao longo de vários séculos, os contatos entre os continentes africano e europeu sofreram profundas transformações durante todo o século XIX. De maneira mais específica, a partir de meados do oitocentos, diferentes regiões da África reavivaram os interesses manifestados por potências europeias como Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra e Portugal (HOBSEBAWM, 1988). Para além das singularidades presentes nos planos sustentados por tais nações, podemos afirmar que

---

\* Doutoranda em História Social (FFLCH/USP). Bolsista FAPESP.

os países mencionados empregaram variadas estratégias e recursos a fim de tentarem exercer o controle de distintas porções da África Ocidental, Central, Oriental e Austral.

Reconhecida como uma das principais potências imperiais do período, a Inglaterra possuía vasto interesse na exploração de certas áreas africanas sob sua influência (WESSELING, 2008:40). A fim de viabilizar seus projetos expansionistas e assegurar o acesso aos recursos naturais que alimentavam seu acelerado desenvolvimento industrial, a Inglaterra, bem como outros países que também participavam da chamada “corrida imperialista”, financiou diversas expedições científicas, militares, comerciais e apoiou inúmeras missões religiosas destinadas a diferentes pontos do continente africano. É indispensável sublinharmos que este conjunto de ações que visavam demarcar a presença europeia nestes espaços alicerçava-se, por sua vez, em discursos raciais e teorias pautadas na noção de uma suposta escala hierárquica na qual os povos não europeus ocupavam um degrau inferior entre os diferentes “níveis de civilização” da humanidade (COQUERY-VIDROVITCH, 2004: 748-787; STEPAN, 1982).

Considerada uma das peças fundamentais frente ao desafio de garantir o avanço da presença britânica nestes territórios, a dinâmica das atividades missionárias empreendidas no referido contexto revela-se como tema de considerável importância para a construção de um entendimento mais aprofundado acerca das relações sociais tecidas entre os representantes ingleses e as populações africanas. Perpassado por intercâmbios culturais, conflitos e resistências, acreditamos que os contatos estabelecidos entre religiosos e os grupos locais também podem ser apreendidos como espaços de produção de conhecimentos construídos a partir do entrecruzamento de experiências sociais europeias e africanas neste contexto. Dentro desta perspectiva mais ampla - na qual a atuação das instituições religiosas e dos missionários não deve ser interpretada de maneira isolada, mas sim, pensada de forma articulada aos projetos imperiais da coroa britânica – buscamos investigar o papel das interações entre missionários anglicanos ingleses vinculados à Church Missionary Society (CMS) e as populações da região de Buganda na construção de regimes visuais (METZ, 1980; JAY, 1988: 3-27) sobre a porção oriental do continente africano e suas sociedades entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX.

Compreendemos o termo regime visual como uma categoria mais densa, que abarca um conjunto de práticas e discursos em que a visualidade (MIRZOEFF, 2006: 53-79) se constitui como manancial para o entendimento de dinâmicas históricas. Em outras palavras, ao adotarmos tal premissa de análise, buscamos nos deslocar de uma abordagem restrita apenas ao estudo formal de imagens, desvinculado de suas ressonâncias sociais, a fim de nos aproximarmos de uma perspectiva em que os regimes visuais – pautados pela noção de historicidade - se revelam como campo investigativo que nos permite acessar múltiplas esferas da vida social (MENESES, 2003: 11-36).

Ainda que diversas narrativas e imagens sobre a África circulassem na Europa desde a Idade Média, foi durante o século XIX que a divulgação de informações sobre o referido continente adquiriu novos contornos e alcançou dimensões muito mais alargadas. Os avanços técnicos assistidos no campo da impressão e da reprodução de imagens, o expressivo aumento de periódicos, acompanhado do crescimento do público consumidor destes materiais, se apresentam como fatores que impulsionaram a difusão de obras de distintos perfis dedicados à África. Alimentado por relatos e descrições de múltiplas naturezas elaboradas por viajantes, expedicionários, comerciantes, militares e missionários, o universo das publicações direcionadas ao público europeu neste período apostava, cada vez mais, na inserção de elementos imagéticos. Como aponta Leila Koivunen, as incursões europeias à África Central coincidem com o período em que a técnica da gravura em madeira (criada no final do XVIII) dominava os meios de comunicação impressos (KOIVUNEN, 2009: 12). Viabilizada pelo advento de novos recursos técnicos, a mobilização de registros fotográficos na composição de ilustrações e gravuras em diversos livros, jornais e revistas, passou a ser aplicada com maior recorrência principalmente a partir da década de 1880, assinalando, por sua vez, novas formas de fruição destes produtos visuais por parte do público.

Empregada por figuras que adentravam diferentes regiões do continente africano, a prática fotográfica foi interpretada, principalmente a partir de meados do XIX, como poderoso instrumento capaz de imprimir legitimidade aos fatos observados, pois permitia captar com “veracidade” o ambiente explorado e suas especificidades. Assim, imbuídos pelo desejo de tentar retratar as novas realidades encontradas e os obstáculos que se impunham às tarefas religiosas, os missionários também lançaram

mão de variados artifícios, como a fotografia e os desenhos feitos em campo, por exemplo, a fim de propagarem a um amplo público os progressos e os recuos enfrentados durante este processo. Neste ponto, cabe ressaltarmos a importância das negociações cotidianas travadas no âmbito das atividades missionárias. Ainda que vislumbrassem o êxito do empreendimento religioso de cariz civilizatório e atuassem como representantes da coroa inglesa em solo africano, a análise preliminar das narrativas missionárias evidencia a forte dependência dos membros da Church Missionary Society aos habitantes locais, detentores dos conhecimentos, técnicas e práticas que possibilitaram, não ausente de conflitos e tensões, a permanência dos grupos missionários nestes espaços. Levando-se em consideração este último aspecto, nosso estudo também se volta para a investigação acerca das práticas dos registros visuais enquanto um dos muitos espaços possíveis de mediação entre os agentes religiosos e as sociedades locais.

Não seria exagero afirmar, portanto, que as representações visuais europeias referentes à África desempenharam um papel fundamental e contribuíram de maneira efetiva para a construção e perpetuação de determinados imaginários e estereótipos sobre estes espaços e suas populações (MUDIMBE, 2013, 2014). Longe de se configurarem como evidências, tais imagens, veiculadas em diferentes suportes impressos, como revistas ilustradas, álbuns, cartazes e cartões-postais, entre outros (GEARY & WEBB, 1998; VOKES, 2010: 375-409), devem ser analisadas a partir de uma cadeia de relações tecidas entre agentes sociais que transitavam entre diferentes esferas do conhecimento.

Fundamental para o estudo do tema são as produções acadêmicas que discorrem sobre a diversidade de ações, mecanismos e discursos políticos, diplomáticos, militares e culturais empregados pelas nações europeias, especialmente as movimentações britânicas na porção oriental da África e as respostas sociais desencadeadas a partir deste processo (UZOIGWE, 2010: 21-50; MWANZI, 2010: 167-190; M'BOKOLO, 2011; BRUNSCHWIG, 2006). Predominantemente estrangeira (PORTER, 1997: 367-391; GRIFFITHS, 2001: 92-114; BYARUHANGA, 2008), as abordagens sobre as atividades missionárias empreendidas por religiosos ingleses na África Oriental entre os séculos XIX e XX entre pesquisadores brasileiros são relativamente recentes.

Despontando neste cenário, citamos as contribuições de Lúcia Helena Oliveira Silva (SILVA, 2014), Patricia Teixeira Santos (SANTOS, 2014), Luis Frederico Lopes dos Santos (SANTOS, 2013: 1-12) e Yuri Wicher Damasceno (DAMASCENO, 2015).

No plano das discussões teórico-metodológicas destacamos o diálogo com o campo da cultura visual, o debate acerca dos lugares sociais ocupados pelos missionários e africanos na construção de saberes sobre o continente africano entre as últimas décadas do XIX e o início do XX e o peso desempenhado pelas imagens e seus trânsitos na elaboração de representações sobre a África no contexto do imperialismo inglês. Sobre a produção, circulação e ressignificação de registros visuais em contextos coloniais e pós-coloniais (LANDAU & KASPIN, 2002), sublinhamos as obras da autora Elizabeth Edwards (EDWARDS, 1997, 2001, 2016: 89-123), Annie Coombes (COOMBES, 1994) e, mais recentemente, o livro organizado por Filipa Vicente (VICENTE, 2014) e o estudo empreendido por Leonor Martins (MARTINS, 2013), que sustentam que as imagens – em suas variadas dimensões – devem ser compreendidas à luz de suas múltiplas “biografias” sociais, ou seja, a partir de sua materialidade, deslocamentos e apropriações. Também chamamos a atenção para reflexões que se propõem a examinar como diferentes modalidades narrativas - produzidas a partir das interações entre “colonizadores” e “colonizados”- geraram representações e discursos sobre o “outro” não europeu. Diante deste desafio, elencamos *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*, de Mary Louise Pratt (PRATT, 1999) e *Cultura e imperialismo* de Edward Said (SAID, 2011) como obras basilares para a elaboração desta pesquisa.

A penetração de missionários britânicos ligados à CMS no reino de Buganda se insere em uma complexa teia de conflitos políticos, tensões sociais e culturais. Especificamente no caso da costa oriental africana, é imprescindível ressaltarmos a ilha de Zanzibar – tornada protetorado britânico em 1890 - como área de potencial relevância estratégica não só pelo acesso ao interior do continente, como também pela vigorosa rede de comércio que de lá irradiava, alcançando vastas áreas, como o reino de Buganda e o Alto Congo. Sabemos que os interesses britânicos na região dos Grandes Lagos repousavam em diversos fatores. De maneira muito resumida, podemos apontar a proximidade a uma das vias de acesso ao rio Nilo– fator que facilitava o deslocamento

para outras zonas da África Oriental e Central - a necessidade de demarcação da presença inglesa frente o avanço de outras potências, como a Alemanha, além da grande oferta de recursos naturais presentes na região.

A partir dos critérios delimitados por esta pesquisa, selecionamos como ponto de partida o ano de 1875, data em que o expedicionário e jornalista Henry Morton Stanley, após alguns anos de incursão por regiões da África Central e Oriental, envia uma carta – a pedido do soberano africano Mutesa I (1856-1884) - aos jornais *Daily Telegraph* e *New York Herald* fazendo um apelo para o envio de missionários para o reino de Buganda. O episódio, que ficou popularmente conhecido como “o chamado de Stanley”, gerou ampla repercussão social. Obviamente, ainda que a solicitação para o envio de missionários que teria sido feita por Mutesa I a Stanley necessite ser relativizada e problematizada em termos historiográficos, acreditamos que tal evento pode ser tomado como uma espécie de disparador para nossa análise, na medida em que tal convocação, reforçada pela divulgação de narrativas e imagens sobre a região, mobilizou a opinião pública britânica e impulsionou os esforços da Church Missionary Society (CMS) para o envio de missionários para a África Oriental. É válido destacar que a chegada do primeiro grupo religioso ligado à CMS em Uganda ocorreu no ano 1877. Desde então, esta porção interlacustre da África Oriental situou-se como um dos principais focos, no continente africano, das ações empreendidas pela Church Missionary Society e de outras instituições religiosas (BOAHEN, 2010: 52-53).

É válido salientar que muito antes das primeiras incursões europeias na região, o território dos Grandes Lagos era ocupado por várias formações políticas, muitas delas oriundas de pequenos Estados, como os reinos de Buganda, Ruanda, Ankole e Burundi (COSTA E SILVA, 2002: 703-715). Para além da diversificada produção de gêneros agrícolas e artefatuais existente no referido espaço, tais reinos constituíam no século XIX um espaço comercial articulado, conectado a outras redes comerciais da África Oriental, o que viabilizava uma ampla troca de produtos e dinamizava a circulação de pessoas e saberes (M'BOKOLO, 2011: 38). Iniciado em meados do XVIII e consolidado no XIX, o processo de conformação do reino de Buganda se amparou em campanhas de anexações territoriais e em uma estrutura política rigidamente hierarquizada, comandada por autoridades que detinham o título de *kabaka* e que

regulavam as relações comerciais travadas entre diferentes poderes políticos alocados em áreas próximas (FARRÉ, 2009: 53-70). Somando-se à diversidade dos grupos africanos que habitavam o referido território, chamamos a atenção para a presença de mercadores indianos e árabes provenientes de Zanzibar que circulavam pela região desde a década de 1840 e que contribuíram para a difusão da religião islâmica nestes espaços (M'BOKOLO, 2011: 295; KASOZI, 1981: 127-135).

É diante deste mosaico cultural, perpassado por conflitos e negociações, que se darão os contatos entre os missionários britânicos e as sociedades locais. É indispensável ressaltar que os trabalhos de cunho evangelizador realizados pelos membros da CMS não foram aceitos de forma unívoca pelos povos africanos e desencadearam, em muitas ocasiões, principalmente entre os anos de 1885 e 1887, no governo do *kabaka* Muanga II (1884-1899), uma série de perseguições religiosas (MWANZI 2010: 179-180). Paralelamente ao percurso da Church Missionary Society, torna-se possível acompanhar a crescente intervenção inglesa no chamado reino de Buganda que, após uma série de mecanismos, assinaturas de tratados - como os acordos firmados entre Muanga II e a Imperial British East Africa Company (IBEAC) no início da década de 1890, por exemplo - pressões econômicas e políticas, tornou-se protetorado britânico em 1894, alcançando sua independência somente décadas mais tarde, em 1962.

Retornando às discussões sobre as delimitações cronológicas privilegiadas em nosso percurso, selecionamos como arco temporal limite o ano de 1922. A justificativa para a escolha desta data se apoia, basicamente, em dois critérios: em um quadro macro, na alteração da conjuntura política entre a Inglaterra e o protetorado de Uganda promovida após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, em uma perspectiva mais circunscrita, na realização, entre os anos de 1919 e 1920, de uma expedição de caráter etnográfico liderada por John Roscoe, missionário da CMS. Tal expedição resultou na publicação *The soul of Central Africa*, editada em 1922, obra que também pretendemos mobilizar em nosso estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos um conjunto de materiais publicados por distintas casas editoriais entre o último quartel do XIX e as primeiras décadas do XX. Apresentando quantidade considerável de reproduções de gravuras,

ilustrações e fotografias ainda pouquíssimo abordadas, as obras se revelam como materiais privilegiados para explorarmos os processos de conformação de linguagens visuais produzidas por missionários da Church Missionary Society sobre a região de Uganda. De acordo com os levantamentos documentais realizados, as narrativas derivadas das primeiras movimentações missionárias encabeçadas pela Church Missionary Society deram vazão a um elevado número de publicações voltadas ao assunto. Embora houvesse sido pontuado, o envio de aparelhos como a lanterna mágica e equipamentos voltados para a prática fotográfica não foi considerado um aspecto central durante a primeira incursão de missionários da CMS em Uganda. Alguns dos motivos apontados se relacionam ao excesso de peso carregado pelas caravanas e a necessidade de priorizar outros itens essenciais para o êxito do empreendimento missionário naquele momento (MATSON, 1981: 203).

A ausência da prática fotográfica durante a primeira incursão dos missionários pertencentes à CMS não inviabilizou, entretanto, a produção de representações acerca das experiências vividas pelos religiosos naquele contexto, como podemos notar na leitura das fontes *The Gleaner pictorial album* (1887), *The story of Mackay of Uganda told for boys by his sister* (1891) de Alexina Harrison, *The wonderful story of Uganda* (1904) de Joseph Mullins e *Mackay of the Great Lake* (1917) de Constance Padwick. Conferindo destaque à trajetória de Alexander Mackay, jovem religioso que iniciou suas atividades evangelizadoras em Uganda em 1878, tais narrativas, ao entrelaçarem textos, gravuras e ilustrações em sua estrutura discursiva permitem observar não só como o modelo de representações visuais sobre as interações entre religiosos ingleses e as populações africanas locais modificou-se ao longo das décadas, como também possibilita visualizar um raio mais amplo de circulação destas imagens por meio de diferentes suportes impressos, notável na leitura de *The Gleaner pictorial album*, compilação de imagens sobre a África publicadas em volumes anteriores do periódico *The Church Missionary Gleaner* (1841-1921). Tal tipo de análise descortina um complexo circuito que compreende processos de deslocamentos e reapropriações das representações visuais acerca das atividades missionárias no continente africano a partir da segunda metade do XIX. Sobre este último aspecto é interessante notar como determinados registros visuais – como, por exemplo, as representações de Mutesa I,

*kabaka* de Buganda entre as décadas de 1850 e 1880 - foram, muitas vezes, adaptadas, reelaboradas e instrumentalizadas em diferentes gêneros literários, como em livros dedicados ao público infantil.

A partir das questões expostas inferimos algumas hipóteses. Intensificada ao longo do século XIX, a significativa gama de imagens veiculadas nos mais distintos meios impressos evidencia o lugar de projeção que a visualidade passou a ocupar no mundo contemporâneo. Instituído diferentes discursos, mobilizada para reforçar ou contrapor narrativas, as fontes visuais se apresentam como documentos cruciais para a análise de diferentes temas historiográficos. Nesse sentido, o contato com o conjunto documental selecionado, aliado à bibliografia sobre o tema, sugere que longe de servirem apenas como suportes de divulgação dos projetos religiosos britânicos na África e se restringirem apenas ao público cristão, as representações visuais produzidas por missionários sobre o continente africano atingiram um raio de espectadores muito mais extenso, extrapolando, por sua vez, as fronteiras dos usos religiosos e alcançando denominadores comuns com outras manifestações culturais produzidas no período, como romances da literatura vitoriana e as exposições coloniais, por exemplo (COOMBES, 1994: 161-181).

Já no que se refere ao processo técnico de composição das imagens missionárias, sustentamos que a construção de tais representações visuais se deu principalmente por meio da fusão entre novas técnicas derivadas da prática fotográfica e dos desenhos feitos em campo. Outra hipótese que tencionamos levantar relaciona-se aos diversos circuitos pelos quais tais imagens transitaram: alimentadas, muitas vezes, por registros visuais e textuais advindos de narrativas de expedicionários e viajantes, a iconografia de cunho missionário divulgada em periódicos, jornais e livros atuou como expressão de determinadas percepções e estereótipos sobre as dinâmicas sociais dos povos não europeus.

Por fim, estendendo um pouco nosso escopo de análise, acreditamos que a produção imagética divulgada por religiosos ligados à Church Missionary Society revela-se como uma porta de entrada para a compreensão de uma conjuntura histórica mais ampla relacionada aos mecanismos e aparatos culturais que atuaram na conformação de práticas e discursos imperialistas britânicos sobre as sociedades da

África Oriental. Concentrando nossos olhares para o lugar de relevo ocupado pela cultura material e visual na construção de conhecimentos sobre os territórios e as populações do continente africano, chamamos a atenção para o papel que as imagens produzidas sobre o continente africano durante a Era Vitoriana desempenharam não só na institucionalização de campos do conhecimento, como a antropologia (STOCKING, 1987) e a etnografia, por exemplo, como no fortalecimento de um imaginário popular britânico sobre a África na passagem do oitocentos para o novecentos.

Ao reconhecemos a dimensão visual ao mesmo tempo como produto e produtora de processos sociais capaz de evidenciar projeções de determinados discursos que procuravam engendrar categorias, identidades e saberes sobre os territórios não europeus no período, almejamos compreender como as representações visuais produzidas neste período operaram como espécie de “sínteses” dos conhecimentos europeus sobre as realidades africanas e foram, muitas vezes, empregadas para legitimar ou combater certos discursos imperialistas vigentes na Inglaterra entre as últimas décadas do XIX e o início do XX.

## Referências bibliográficas

### 1. Fontes

HARRISON, Alexina Mackay. *The story of Mackay of Uganda told for boys by his sister*. Londres: Hodder and Stoughton, 1891.

MULLINS, Joseph D. *The wonderful story of Uganda*. Londres: Church Missionary Society, 1904.

PADWICK, Constance Evelyn. *Mackay of the Great Lake*. Londres/Nova Iorque/Toronto/Melbourne/Bombaim: Oxford University Press, 1917.

ROSCOE, John. *The soul of Central Africa*. Londres/Nova York/Toronto/Melbourne: Cassell and Company, 1922.

*The Gleaner pictorial album. Containing pictures of Africa and the Mohameddan lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887.

## 2. Bibliografia

BOAHEN, Albert Adu. “Tendências e processos novos na África do século XIX”. In: AJAYI, J. F. Ade (org.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880* (vol. VI). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 47-75.

BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BYARUHANGA, Christopher. *Bishop Alfred Robert Tucker and the establishment of the African Anglican Church*. Nairobi: WordAlive Publishers, 2008.

COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: museums, material culture, and popular imagination in late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. “O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra”. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 748-787.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão, 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

DAMASCENO, Yuri Wicher. *Conversões e negociações: um estudo dos relatos de missionários protestantes da Church Missionary Society em Uganda-África (1876–1890)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015

EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology and photography, 1860-1920*. New Haven: Yale University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Raw Histories: photographs, anthropology and museums*. Nova York: Berg, 2001.

\_\_\_\_\_. “Uncertain knowledge: photograph and the turn-of-the century anthropological document”. In: MITMAN, Gregg; WILDER, Kelley (orgs.). *Documenting the World: Film, Photography, and the Scientific Record*. Chicago/Londres: The University Chicago of Press, 2016, pp. 89-123.

FARRÉ, Albert. “Reinos y Ejércitos en la Formación de Uganda. El descontrol de la violencia (1877-1986)”. *Cadernos de Estudos Africanos*, vol. 16/17, 2009, pp. 53-70.

GEARY, Christraud M; WEBB, Virginia-Lee (orgs.). *Delivering views: distant cultures in early postcards*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998.

- GRIFFITHS, Tudor. “Bishop Alfred Tucker and the Establishment of a British Protectorate in Uganda 1890-94”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 31, nº 1, 2001, pp. 92-114.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JAY, Martin. “Scopics regimes of modernity”. In: FOSTER, Hal (org). *Vision and visibility*. Seattle: Bay Press, 1988.
- KASOZI, A. B. K. “The Impact of Islam on Ganda Culture, 1844-1894”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 2, 1981, pp. 127-135.
- KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in nineteenth-century British travel accounts*. Nova York: Routledge, 2009.
- LANDAU, Paul S.; KASPIN, Deborah D. (orgs.). *Images and empire: visibility in colonial and postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- MARTINS, Leonor Pires. *Um império de papel. Imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- MATSON, A.T. “The Instructions Issued in 1876 and 1878 to the Pioneer C.M.S. Parties to Karagwe and Uganda (Part I)”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 3 1981, pp. 192-237.
- M’BOKOLO, Elikia (org.). *África negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias* (tomo II). Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 11-36.
- METZ, Christian. *O Significante imaginário: psicanálise e cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- MIRZOEFF, Nicholas. “On Visuality”. *Journal of visual culture*, vol. 5, nº 1, 2006, pp. 53-79.
- MUDIMBE, Valentin Yves. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013.

- MWANZI, Henry. “Iniciativas e resistências africanas na África oriental, 1880-1914”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África* (vol. VII). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 167-190.
- PORTER, Andrew. “‘Cultural imperialism’ and protestant missionary enterprise, 1780–1914”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol.25, nº 3, 1997, pp.367-391.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTOS, Luis Frederico Lopes dos. “Entre Deus, a Coroa e os Kabakas: evangelização e colonização inglesas no reino de Buganda, 1885-1900”. In: *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. Natal, 2013, pp. 1-12.
- SANTOS, Patricia Teixeira. “Perspectivas sobre o estudo da história missionária na África no século XX”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXII Encontro Estadual de História*. ANPUH, SANTOS, 2014.
- SILVA, Lúcia Helena Oliveira. “Religiosidade e colonialismo no protetorado no coração da África (1868-1956)”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXII Encontro Estadual de História*. ANPUH, SANTOS, 2014.
- STEPAN, Nancy. *The idea of race in science: Great Britain, 1800-1960*. Londres: Macmillan; Hamden, Connecticut: Archon Books, 1982.
- STOCKING, George W. *Victorian Antropology*. Nova Iorque: The Free Press, 1987.
- UZOIGWE, Godfrey N. “Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África* (vol.VII). *África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 21-50.
- VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Editora Almedina, 2014.
- VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c.1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, nº 4, 2010, pp. 375–409.
- WESSELING, Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Revan, 2008.

